

PERCURSOS DE MULHER E O SUPLÍCIO DE OFÉLIA EM HAMLET: UM OLHAR PSICANÁLITICO**WOMEN'S PATHWAYS AND THE TORMENTS OF OFÉLIA IN HAMLET: A PSYCHOANALYTICAL STUDY****ALBUQUERQUE, Márcio Carneiro de**

Instituto Federal de Pernambuco Campus Abreu e Lima; marcio.albuquerque@abreuelima.ifpe.edu.br

Resumo

O artigo discute a dinâmica das relações humanas a partir da trajetória de Ofélia na peça Hamlet de Shakespeare. O adoecimento de Ofélia é refletido a partir da violência dos lugares destinados às mulheres na cultura ocidental e das lutas pelo domínio do corpo e da vida neste contexto. Do ponto de vista teórico foram utilizados os escritos psicanalíticos de Sigmund Freud. A metodologia utilizada compreendeu os encaminhamentos da pesquisa conceitual de base psicanalítica com a utilização de metodologia comparativa, onde a partir da interpretação de um contexto discursivo, concreto ou imaginário, busca-se refletir sobre a dinâmica inconsciente e seus desdobramentos. Em caráter conclusivo o estudo aponta para a necessidade de tornar a experiência relacional entre homens e mulheres na contemporaneidade como espaço de invenção do novo, do possível e do desejável, dentro do campo de experiência de cada sujeito. O estudo remata que o reconhecimento de repetições disfuncionais no cotidiano destas relações favorece o enfrentamento de práticas atentatórias a liberdade no contexto problemático da violência em nossos dias.

Palavras-chave: Shakespeare. Psicanálise. Feminino.**Abstract**

The article discusses the dynamics of human relations through Ophelia's trajectory in Shakespeare's Hamlet. The illness of Ophelia is a reflex from the violence contained in the restrained spaces that are settled as women's places in Western culture. It also refers to the struggling battle for the mastery of the body rights and life in this context. From a theoretical point of view, the psychoanalytical writings of Sigmund Freud were used here. The methodology used included the referencing of psychoanalytical conceptual research with the use of comparative methodology. From the interpretation of a discursive context, concrete or imaginary, we seek to reflect on the unconscious dynamics and its unfolding. In conclusion, the study points to the need to take relational experience between men and women in contemporary times as a space for the invention of the new, the possible and the desirable, within the field of experience of each subject. The study concludes that the recognition of dysfunctional repetitions in the daily life of these relationships favors the confrontation of practices that threaten freedom in the problematic context of violence in our days.

Keywords: Shakespeare. Psychoanalysis. Female

1 Introdução

O objetivo deste estudo foi analisar os contextos relacionais e pressupostos de ação da personagem Ofélia na peça Hamlet de Wiliam Shakespeare, buscando examinar como os acontecimentos ocorridos ao longo da estória, refletem formas comuns de compreensão sobre o feminino e a dinâmica repressiva impulsionadora do sofrimento da personagem. Para tanto, fora utilizado o instrumental psicanalítico nos termos enunciados por Sigmund Freud. Como se faz apresentado ao longo do texto, a expressão cultural e estética tomada a partir do teatro shakespeariano serve, no contexto do estudo, a tarefa de refletir questões relacionadas a relações desiguais entre homens e mulheres ainda tão presentes em nosso cotidiano.

A hipótese norteadora do trabalho partiu do pressuposto de que a representação do feminino, atribuída à personagem Ofélia (no Hamlet, de Shakespeare) aponta para a configuração de um contexto de violência capaz de produzir significativos efeitos de sofrimento; ao mesmo tempo, o referido texto expressa modos de viver repressivos que reforçam desigualdades e jogos de força coercitiva presentes no imaginário contemporâneo e da época. Os escritos psicanalíticos que tratam sobre a metapsicologia freudiana, os estudos sobre a histeria e os encaminhamentos dados por Freud à chamada psicanálise aplicada, em particular no texto *"A 'gradiva' de Jensen e outros trabalhos"*, permitem compreender o cenário sobre o qual o sofrimento de Ofélia se faz representativo de uma experiência humana comum e, portanto, ordinária no campo de possibilidades de construção da subjetividade em nosso tempo.

Do ponto de vista metodológico, o estudo foi conduzido considerando os aportes da pesquisa qualitativa de base conceitual, com utilização do método comparativo associado à interpretação de orientação psicanalítica. Tal escolha não se faz inusual ou circunscrita de forma inovadora dentro do objeto aqui delimitado. De fato, já se configura desde o século passado investimentos desta natureza. Nestes investimentos, busca-se, sobretudo examinar expressões estéticas e culturais a partir do instrumental psicanalítico e na confrontação entre lugares discursivos distintos, sejam estes, o setting terapêutico, a literatura, a pintura, a música, o teatro, o cinema ou a dança. O próprio Freud já renunciara tal abordagem, quando o mesmo se utiliza da mitologia grega, de relatos judaicos, do teatro de Eurípedes ou contos de Dostoiévski para ilustrar e ampliar a aplicabilidade de sua teoria (QUINODOZ, 2007, p. 89-93).

Dois eixos de análise foram admitidos no interesse de abordar o objeto proposto. O primeiro pressupõe o exame dos principais encadeamentos de sentido que explicam a trajetória de subjetivação do humano na psicanálise, tentando cotejar tal trajetória com a experiência de construção da figura feminina neste contexto. O segundo eixo examina como, a partir da trajetória da personagem Ofélia, o feminino se faz representado em um conjunto de atribuições e idealizações que impõem, por sua vez, um projeto de adoecimento e morte. Importante salientar que é característico da tarefa constituída pelo presente estudo reconhecer o não esgotamento das questões aqui levantadas e o caráter ensaístico que orienta trabalhos desta natureza; mesmo entre aqueles que pretendem realizar um enfrentamento mais abrangente, isto se faz imperativo dizer no sentido de reconhecer o papel do autor como lugar de onde se constrói um determinado olhar sobre as coisas do mundo (GADAMER, 2007).

A relevância de estudos desta natureza compreende o esforço por examinar como a arte se apresenta como espelho imaginário de onde do qual é possível reconhecer os modos de perceber e existir próprios a um dado tempo e lugar. Neste contexto, a problemática da construção dos espaços relacionais, onde homens e mulheres coexistem impelem a assunção de questionamentos sobre os elementos de justificação utilizados como balizadores de escolhas e projetos de existir. Silêncios e desafios que cercam este desafio se apresentam, enquanto tarefa a ser perpetrada sob tal perspectiva; no que se refere ao encontro com a personagem Ofélia, a psicanálise, decerto, possui algo a dizer sobre os projetos de mulher forjados, desde sempre para se constituírem enquanto prenúncio psicopatológico. Importante, por oportuno, ressaltar que (dada à natureza do objeto de análise assumido e escolhas de organização textual realizada), a fundamentação teórica do trabalho de um lado expõe as referências privilegiadas como auxiliares e norteadoras das demandas da tarefa em questão, mas, sobretudo, também permite uma aproximação primeira dos elementos de discussão do estudo. Propositadamente, a escolha por encaminhar o texto deste modo recai sobre a ideia de que tal permeabilidade permite uma melhor aproximação do objeto de análise, ao mesmo tempo em que preserva a coesão textual.

Em remate, o estudo conclui, que o campo de experiência de Ofélia, enquanto representação da mulher ou do feminino, perfaz lógicas de força comumente presentes em nossos dias, manifestas enquanto expressão cultural no texto de Shakespeare; deste modo, a utilização de ferramentas de análise como as aqui empregadas podem servir de via de acesso, a percepção e compreensão de realidades problemáticas associadas

à violência contra a humanidade feminina e ao mesmo tempo aponta para o reconhecimento da força das expressões estéticas e culturais como decodificadoras dos modos de pensar e agir disponíveis a construção de subjetividades correspondentes.

Reconhecer as destinações de sofrimento dos percursos associados à figura da mulher, enquanto coisa criada socialmente, se apresenta enquanto resultante conclusiva e como passo relevante no interesse de criar outros caminhos, estórias e histórias possíveis, bem como, possibilitar novas leituras, debates e possibilidades sobre a utilização da literatura e da psicanálise como instrumentos de compreensão dos tempos hodiernos.

2 Fundamentação Teórica

2.1 A metapsicologia freudiana como experiência de escuta e compreensão da dinâmica psíquica

Em grande medida, a psicanálise nasce da aspiração de amparar uma dor feminina. O surto de doenças até então desconhecidas e que acometeu as jovens vienenses no final do século XIX, serviu como elemento impulsionador deste grande empreendimento humano. Cumpre esclarecer que tal dor, acima mencionada, não é algo próprio da mulher, mas, sobretudo, do que lhe é destinado, em nosso tempo, em jogos de força, ímpeto de resistência e sublevação. Tal destino de dor não é também imutável ou irrepreensível. Por isso, o palco onde ela (a dor) se apresenta é não só no corpo e na mente de quem sofre, mas noutros lugares onde a mulher habita, inclusive, no cotidiano em suas vicissitudes, nos espaços públicos e privados, e no desejo interposto em confrontação. A escuta da dor psíquica e das tentativas de lidar com ela, é, de certa forma, o primeiro objeto psicanalítico. Nesta perspectiva, o inconsciente é, dentre outras coisas, uma resultante conceitual da intenção de ouvir em profundidade o que fora omitido em face da dinâmica de sofrimento presente, na expressão da dor através dos sintomas ou doutros fenômenos como nos sonhos ou nos atos falhos. Ouvir o que o corpo, os sintomas e os discursos dizem (ou não dizem) sobre o sujeito que sofre e seu projeto de existir é o que mais caracteriza o empreendimento psicanalítico. Convém ressaltar que a partir do olhar psicanalítico sobre o acontecer psíquico, é possível encontrar o feminino como expressão de uma, dentre muitas, possibilidades de alteridade.

Neste sentido, para entender como a experiência do ser mulher se faz constituída a partir da psicanálise, se faz preciso, a princípio, situá-la dentro do escopo geral de referência sobre o humano. O que particulariza a mulher, neste escopo, menos será o que lhe é próprio, mas, sobretudo, o que lhe é imputado como tal; ou seja, o importante é perceber o que se faz construído enquanto um destino de mulher e menos o que poderia ser identificado como aquilo que a singulariza dentro dos modos de viver que lhe poderiam ser próprios.

Ao examinar a dinâmica da personalidade, conforme encaminhado por Freud, é possível pressupor os modos como tais conceitos e jogos de força se manifestam dentro da construção da identidade da mulher em nosso tempo e cultura. O propósito do objeto de estudo supramencionado é, neste ponto, norteador da análise em questão; o que se deseja é visualizar os destinos femininos dentro da dinâmica do pensamento psicanalítico para em seguida e a partir disto, perceber como as relações e exigências de trajetória interpostas à personagem Ofélia em Hamlet permitem refletir sobre a tragédia vivida pela personagem.

No geral, da tentativa de conciliação de ímpetos contraditórios, é de onde nasce a experiência humana como aquela que se fará orientada a enfrentar de um lado o real em sua concretude e do outro, o imaginário interno e seus fantasmas.

Com efeito, em sua chamada primeira tópica Freud propõe que possuímos níveis distintos de consciência. Para ele, possuímos três instâncias psíquicas: a consciência, a pré-consciência e o inconsciente. Ilustrando tal proposição, Freud recorre ao uso da metáfora do Iceberg. Deste modo, a parte *consciente* de nossa personalidade compreenderia uma pequena parcela de nós mesmos; de forma absolutamente simplista a consciência seria entendida como a sede de nossa atenção num determinado instante. O *pré-consciente* seria tudo aquilo que podemos evocar em nossa memória num determinado momento e que estaria à disposição da consciência.

O *inconsciente* compreenderia o conjunto de “informações” inacessíveis a consciência; tal condição última se daria pela força do *recalque* (mecanismo psíquico que impediria de chegar à consciência informações significativas, porém desagradáveis ao sujeito) Nas palavras de Roudianesco e Plon (1998), "Em psicanálise, o inconsciente é um lugar desconhecido pela consciência: uma outra cena" (p. 375). Freud dedicou sua obra a entender como as forças e impulsos inconscientes determinam o comportamento humano, bem como, suas paixões, excessos, seus ímpetos, sofrimentos e autoenganos. Freud, de certa forma, irá de encontro ao pensamento de Descartes que entroniza a razão no centro

das decisões humanas; para o primeiro, nossas decisões são fruto de forças que não dominamos, de causalidades que desconhecemos. Conforme sustenta Lacan (1998), “o inconsciente é o capítulo da minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado” (p.260).

Em sua leitura da obra de Freud, Laplanche (1992), destaca que o inconsciente possuiria como características primeiras: **a.** seus conteúdos representam as *pulsões*; **b.** estes conteúdos são regidos pelo *processo primário*; **c.** os conteúdos inconscientes (por estarem investidos de energia pulsional) procuram retornar e ou se fazerem presente no sistema consciente e pré-consciente (retorno do recalcado), no entanto, só conseguem fazer isto quando antes estabelecem *soluções de compromisso* que censuram e deformam seus sentidos. **d.** os conteúdos inconsciente constituem-se primordialmente desejos e fantasias infantis outrora fixadas pelo excesso de tensão psíquica resultante (p. 235). O inconsciente, portanto, comportaria a ideia de que existe uma parte significativa de nós mesmos que ao mesmo tempo desconhecemos e resistimos em conhecer. Ademais, tais forças orientam e influenciam nossa existência; em uma famosa assertiva Freud sintetiza tal condição: “não somos senhores em nossa própria casa” (FREUD, 1917b/2002. p.171 - 182). Como ressalta Quinet (2011), “A descoberta freudiana do inconsciente é a de que ele tem leis e comporta desejos, sobre o qual nem sempre o sujeito quer saber” (p. 21). Retomando a primeira aproximação a pouco aludida, na chamada segunda tópica freudiana, a personalidade é entendida como uma entidade dinâmica e organizada em função do entrechoque de forças muitas vezes antagônicas.

A partir de sua experiência clínica e dos estudos sobre a histeria, Freud propõe que a principal força motriz do humano seria a sexualidade. Considerando a dimensão mais primitiva de nossa vida psíquica, Freud propõe a existência do ID como a instância que abarcaria as chamadas pulsões (*Trieb*) de vida e de morte, enquanto reservatório das mesmas; O Id seria regido pelo princípio do prazer, onde seu principal intento perfaria a realização do desejo e das pulsões. Para Freud o Id seria em sua plenitude inacessível ao sujeito, estando, assim, “encoberto” pelo inconsciente, salvo apenas quando é possível identificá-lo e reconhecê-lo a partir de resultantes do Ego e de soluções de compromisso específicas, como através dos sonhos ou dos atos falhos.

Advindo do ID, Freud propõe o Ego como a sede do EU racional, da atenção, do intelecto, da razão, do senso comum (embora, uma parte da dinâmica egoíca se apresente em grande medida também inconsciente). Tal instância psíquica teria a função de “frear” as exigências instintivas do ID (bem como também permitir sua adequada satisfação), e os

apelos do Superego (que veremos em seguida) e ao mesmo tempo o conjunto de processos racionais e decisórios que exigem a vida cotidiana; a mediação de “interesses” antagônicos exigiria do Ego um desprendimento de energia tal que muitas vezes geraria desconforto e angústia; em grau último impeliria o adoecimento psíquico; o Ego seria regido pelo princípio da realidade. Conforme sustenta Freud, e em alusão ao funcionamento psíquico em suas implicações:

Assim, em sua relação com o id, ele (o Ego) é como um cavaleiro que tem de manter controlada a força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com a sua própria força, enquanto que o ego utiliza forças tomadas de empréstimo. A analogia pode ser levada um pouco além. Com frequência um cavaleiro, se não deseja ver-se separado do cavalo, é obrigado a conduzi-lo onde este quer ir; da mesma maneira, o ego tem o hábito de transformar em ação a vontade do id, como se fosse sua própria (FREUD, 1974b, p.39).

O superego freudiano, por sua vez, seria nada mais do que o conjunto de representações internas oriundas dos valores, crenças e ideais da cultura e sociedade e que se fazem internalizadas. Perfaria o conjunto de imperativos morais e éticos de uma dada comunidade, compreendidos na história individual dos sujeitos e manifestados pela exigência de adequação aos mesmos. Freud (1990), afirmaria que “atribuímos às tendências morais e estéticas do ego (o Superego) a função de incentivar a repressão” (p.21). Tal repressão direciona-se aos ímpetos do ID e compreende o esforço por realizar os ideais do Ego. Deste modo, a personalidade seria compreendida pelo processo dinâmico no qual o Ego consegue adequada ou inadequadamente responder as demandas do ID, do Superego e da realidade externa.

O desequilíbrio (e sempre há), na feitura de tal tarefa, imprime ao ego um pesado fardo. Numa metáfora conhecida, o ID seria os cavalos que impulsionam uma carruagem, o Ego o cocheiro a guiá-la e o Superego a estrada a impor dados limites à jornada. A condição de conflito advinda de tal dinâmica aliada a tendência do aparelho psíquico de fixar eventos significativos no inconsciente demarcam as trajetórias de personalidade que se fazem constituídas. Como se faz observado na análise propriamente dita do estudo em questão e que se apresentará em seguida; os jogos de força usuais que norteiam, esquematizam e arquitetam um caminho de mulher dentro da experiência humana, forçosamente impõem, ao preço disto, uma série de desafios e percalços.

No interesse de utilizarmos de tais propositivas singulares ao pensamento psicanalítico no enfrentamento da problemática especificada que aludimos, é imperioso dizer que toda dinâmica psíquica se fará atravessada por uma condição social que lhe

suporta. Neste ponto, a figura da mulher enquanto edificação social e histórica, como apontado por Simone de Beauvoir, acaba por adentrar o campo da edificação da própria personalidade de cada sujeito mulher, com toda a luta interna e as necessidades de enfrentamento próprias de um dado tempo. A personagem Ofélia revela, (enquanto representação cultural das relações entre a figura feminina e os outros ao redor), a complexidade que envolve as lutas cotidianas de enfrentamento do domínio de si por exigências internas acerbadas como as que examinaremos a seguir.

2.2 Hamlet como via de acesso à experiência humana

A tragédia de Hamlet trata dos jogos de poder que perpetram a interface entre os desejos humanos e a ordem dos espaços sociais e públicos. Ademais, o texto shakespeariano discorre sobre a condição humana em sua face moderna. Tal representação teatral por muitos é admitida como o ápice da literatura universal, no sentido da capacidade de criar, e ao mesmo tempo refletir a condição humana em suas mais profundas singularidades; a invenção da experiência humana naquilo que a mesma possui em ambiguidade, força, inventividade e tragédia recai sobre os personagens da trama (BLOOM, 2001, p.19-22).

Decerto, Shakespeare, através da peça concebe os espaços relacionais concretos como inseridos em um grande ritual de disfarce; como que houvesse uma linha tênue entre o que separa o universo do palco e o palco verdadeiro da vida. Importante salientar que o próprio Freud era um grande admirador da obra de Shakespeare (JONES, 1981, p.223).

Enquanto relato sucinto, a peça discorre sobre o luto vivido pelo príncipe Hamlet diante da morte de seu pai (rei de Elsinor), e os desdobramentos disto; o fato de que o rei foi assassinado por seu irmão Cláudio (tio do príncipe Hamlet) em conluio com a rainha Gertrudes (mãe do príncipe Hamlet). O jogo de disfarces que tentam impedir a revelação da verdade a Hamlet compreende parte significativa da história, por outro lado as tentativas de Hamlet de fazer a verdade ser revelada em sua miséria e fúria é o pano de fundo sobre o qual os acontecimentos se desdobram; Neste percurso, o fantasma do pai morto aparece a Hamlet, exigindo vingança e por seu turno Hamlet se vê às voltas com a difícil tarefa de fazendo emergir a verdade de si e do contexto em que vive, agir em conformidade com a ordem ou o preço das escolhas a serem feitas. Hamlet é o sujeito que se apresenta em uma condição de profunda liberdade no sentido de se perguntar a

todo instante sobre suas razões, sentimentos, justiça e legitimidade frente as decisões que busca tomar.

No intercurso deste enredo, a figura de Ofélia apresenta-se como que representativa da condição feminina e ao mesmo tempo aponta para determinação de lugares sociais destinados a mulher no palco da experiência ocidental e moderna; convém frisar os elementos de resistência que a personagem apresenta em suas ações, mesmo que estes lhe conduzam ao adoecimento e a morte como meios evidentemente disfuncionais de ultrapassar a situação de crise em que vive. Por seu turno, é interessante perceber, como dito anteriormente, que o príncipe Hamlet é por condição de seus modos de pensar/agir, um sujeito moderno; moderno no sentido de possuir um forte direcionamento para a ação em sua condição moral e ao mesmo tempo o reconhecimento da estruturação de um projeto de viver que se encerra no julgamento do próprio indivíduo frente aos desafios da existência.

Hamlet é, por excelência, um sujeito que reconhece que suas ações lhe determinam como um oleiro diante do barro. Neste sentido, Hamlet lembra um outro personagem construído muitos anos depois e que também retrata um pouco das exigências em torno do reconhecimento de uma vida que se faz edificada pelo julgo do próprio indivíduo, sozinho e por isso imerso em sua ilha; Robinson Crusoé (DEFOE, 2012), tal como Hamlet e nesta perspectiva, enfrenta a sobrevivência em sua jornada, como quem a todo instante precisa decidir por onde caminhar. Do outro lado, a imagem de Ofélia se apresenta de forma absolutamente antagônica.

Ofélia é aquela que se faz em função do desejo do outro. Para ela e em função da trama que lhe é construída, não há escolhas possíveis. Seu irmão Laertes e seu pai Polônio se apresentam como elementos condutores de seu destino no sentido de projetar sobre ela uma série de recomendações e exigências em torno de seu modo de vida; em particular em relação aos perigos diante de sua paixão refreada por Hamlet e o imperioso de que Ofélia se afaste de seu desejo e de algum senso de direcionamento próprio. Nas palavras de Laertes, direcionada a Ofélia a construção de um projeto de mulher que se apresenta como recoberto por força, antes de tudo, repressiva.

Laertes: Quanto a Hamlet, e às suas gentilezas, debes tomá-las por brinquedo ou farsa; Uma flor da primeira juventude [...] Às vezes antes que o botão desponte; e no orvalho da mocidade são comuns os contágios que corrompem. O medo é a melhor arma da virtude; Pois o desejo engana a juventude (SHAKESPEARE, 2013, p. 45-46).

O que está em jogo nas solicitações realizadas por Polônio e Laertes é que Ofélia possa dominar o desejo e não submeter-se ao suposto ímpeto sedutor de Hamlet. O perigo da sedução é associado ao risco da perda de sua honra em face do usufruto de sua sexualidade e da incorporação de uma trajetória de mulher que se faria desqualificada frente ao jogo moral coercivo de valores. Se de um lado, Hamlet é impelido a examinar exaustivamente a sua consciência, para decidir sobre seu destino, para Ofélia não é dada a experiência desta dor edificante; uma dor antes de tudo existencial no sentido da angustia da escolha, do reconhecimento da responsabilidade de viver e do entrechoque de consequências, uma dor representativa da adultez; antes disso, Ofélia se vê às voltas com um projeto de existir que não lhe pertence; projeto este que lhe antecede e lhe é imposto por outros que tentam ao custo de sua liberdade e de seu desejo imputar-lhe recomendações sem as quais lhe restaria ou o vazio de uma identidade ainda não possível no quadro de referências criado, ou à execração moral e o exílio afetivo. Diz Polônio, "Eu te ensino: és apenas uma criança, tomaste essas palavras por moedas, mas são falsas. Precisas ter consciência do teu valor; ou - para ser claro - não quero que me faças de idiota" (Ibdem, p.48).

O que se apresenta, com enorme clareza, é que Ofélia é violentada em seu desejo. Suas próprias ações não são arrogadas dentro de um campo de escolhas, onde ela pesaria o futuro desejado; antes disso, suas escolhas são colocadas dentro do universo de um poder masculino que se apresenta como mantenedor da ordem e ao mesmo tempo responsável pela promoção de um bem ao custo do aprisionamento da vontade feminina. O que se segue é um tortuoso cenário que conduzirá Ofélia a lidar de forma destrutiva com suas paixões e ímpetos direcionados não exatamente a Hamlet mas, sobretudo ao desejo de construção de uma vida enriquecida, afinal é isto que os amantes desejam mais do que o próprio objeto de desejo, o que se quer é viver em plenitude o prazer do enamoramento e do gozo disto como consequência última, algo próximo do que se apresenta a partir do *ethos* dionisíaco na perspectiva clássica ou do que solicitaria a Senhora Bovary de Flaubert.

Neste mesmo sentido, o que Polônio e Laertes desejam, enquanto homens que são é o aprisionamento do corpo feminino. O corpo deverá ser dominado pela racionalidade masculina. O espírito deve prevalecer sobre a carne. Sobre o corpo feminino, é direcionado uma condição de perigo constante posto que ele pode conduzir a mulher e aqueles que se apresentam como senhores do seu destino à decrepitude. Para piorar o cenário no qual Ofélia é direcionada, o príncipe Hamlet se faz absorto por seu drama de vingança e luta

interior que passa a desdenhar no trato e consideração outrora direcionados a ela. Aos poucos, Ofélia percebe, que no grande teatro de Elsinor, o que menos importa é o espaço do desejo, dentro da experiência feminina, e isto lhe ocasionará uma dor tamanha que, com o tempo, a conduzirá a loucura e a morte. De uma forma ou de outra esta correlação entre desejo e tragédia em Hamlet pode também ser percebida a partir da cumplicidade da rainha Gertrudes com a morte de seu esposo.

3 Metodologia

A metodologia empregada no presente estudo fora de natureza qualitativa. Tal escolha metodológica implicou na operacionalização de ações de coleta e análise que consideram aportes e orientações próprias a esta modalidade de pesquisa; tal caminho escolhido não se fez aleatório nem absolutamente necessário; porém, justifica-se dentro da natureza da problemática proposta. O olhar do sujeito pesquisador sobre o objeto de estudo definido encaminha a análise e os recortes realizados com o objetivo de enfrentar as demandas da tarefa realizada.

No caso particular da pesquisa em psicanálise, sobressalta-se o próprio objeto deste campo de saber como elemento norteador do trajeto de estudo. Dada sua especificidade, a interpretação dos discursos como chave de acesso para pensar a dinâmica psíquica e a presença do inconsciente como fator preponderante de indução do ímpeto humano é o elemento demarcador de toda ação de pesquisa.

Dentro da perspectiva que aqui se deseja tomar, tal compreensão se faz imprescindível. Houve, portanto, uma leitura que se realizou em função também de uma visão sobre o que é o humano, como se dá sua trajetória de existência dentro dos jogos de força internos e externos que lhe constituem. De forma premente esteve em foco à leitura dos arcabouços teóricos de referência onde se buscou examinar os eixos de sentido centrais que se alinhavam com o desejo de abordar o objeto proposto. Neste momento, duas ações norteadoras permitiram a organização das etapas de pesquisa. A primeira compreendeu a realização de uma primeira leitura do texto Hamlet; a segunda fora examinar especificamente no texto *ensaios de metapsicologia*, a construção da dinâmica psíquica a partir da economia das destinações pulsionais e ao mesmo tempo dos mecanismos e efeitos da repressão, como fator preponderante na organização do sistema psíquico. Estes dois textos serviram de base para a análise e enfrentamento da questão problemática assumida no interior do trabalho.

Neste entendimento, é de importância premente o ato de descrever que se faz admitido pelo pesquisador. Descrever, neste sentido, compreende uma dupla tarefa. A primeira perfaz o caráter perceptivo que aponta modos de ver distintos, próprios e, portanto singulares a cada um. Neste caso, o ato interpretativo como ato singular se faz central. A segunda faz emergir os modos de funcionamento, dinâmicas e organização da experiência humana, a partir do relato de um outro. Neste sentido, o texto shakespeariano é examinado, não só em sua dimensão imaginária, enquanto invenção artística e cultural, mas, sobretudo, no entendimento de que, a partir da escrita do texto por seu autor há de fato uma intencionalidade que demarca os lugares e modos como os personagens se movimentam em um determinado contexto. Ademais, a estória é compreendida como uma manifestação das possibilidades reais de existência humana dentro do espaço concreto das relações sociais. De certo, é como compreender que, ao analisar a figura de Ofélia em Hamlet, é possível encontrar um exemplo de possibilidade de existência da mulher no seio da experiência moderna e contemporânea. Isto não quer dizer que tal escopo de possibilidade seja único, apenas que se faz, infelizmente, ainda grandemente possível, dada as ainda incontornáveis forças de domínio que se apresentam sobre a figura da mulher em seu cotidiano e a participação efetiva de homens neste cenário.

Num esforço de sistematização amplo, as etapas do estudo compreenderam: 1. Abordar o contexto discursivo especificado analisando os elementos chaves que formam a problemática especificada. 2. Levantamento bibliográfico secundário sobre o tema em questão; 3. Abordagem aos discursos observando o registro continuado da presença e intensidade representativa de uma dada situação relevante; exemplo: para identificação do registro de violência presente no percurso de Ofélia nas relações com outros personagens fora antes de tudo identificado e registrado em cada fala dos personagens a presença de intencionalidades comunicativas orientadas ao caráter opressivo que se desejava sobressaltar, perceber, fazer aclarar. No que se refere à apreciação dos discursos decupados a partir da fase anterior mencionada prevaleceu o trabalho interpretativo próprio ao campo psicanalítico. O que se faz aqui imperioso especificar é a tarefa de a partir dos contextos relacionais interpostos no texto shakespeariano fora operada a busca em perceber as destinações dos impulsos revelados a partir da dimensão do desejo e ao mesmo tempo inferir os mecanismos de resistência e deslocamentos que em sua intensidade constroem o cenário adequado a assunção de um determinado fenômeno de natureza psíquica; especificamente o sofrimento desmedido, o quadro psicopatológico e o suicídio de Ofélia.

4 Análise de dados e Resultados

Duas questões fundamentais encaminham a discussão aqui perpetrada. A primeira busca saber o que caracteriza os lugares designados como próprios ao homem e a mulher dentro do contexto dramático da peça Hamlet e em segundo plano como tais configurações de modos de existir de um lado representam um cenário capaz de produzir efeitos de ordem psicopatológica, quanto de outro informam sobre o quadro de violência que afronta o feminino na contemporaneidade.

Como já inferido acima, a intenção aqui não fora realizar uma análise crítica literária nem tão pouco examinar de forma exaustiva os pormenores nos diálogos presentes em cada ato da peça referida. Antes de tudo, o que se intencionou foi verificar como a partir do contexto relacional estabelecido entre homens e mulheres na peça é possível verificar o caráter opressivo impulsionado por diferenças de perspectivas, projetos e acesso a liberdade; ao mesmo tempo, refletir sobre o quanto este caráter opressivo conduz a experiência do adoecimento e da morte.

Ao propósito aludido, foram identificados três núcleos de sentido, que juntos, formam um percurso interpretativo possível e coerente com o interesse de pensar as questões supracitadas dentro da problemática proposta e com as ferramentas prenunciadas. O primeiro núcleo parte do princípio que a *ordem paterna*, representada por Polônio, referendada sobre o primado da tradição se faz direcionada a um lugar de autoridade que requisita a posse do corpo feminino. Neste sentido, o *Pai*, como tal e como homem, conhecedor dos meandros do desejo, estabelece para com a *Filha*, nomeada como criança, porém já mulher (possuidora de desejo), uma relação onde os outros possíveis objetos de investimento amoroso não são permitidos. De um lado, o que Polônio deseja é menos preservar a filha de algum futuro infortúnio que incorreria do enamoramento com o príncipe de Elsinor e mais, em fúria, impedir que haja um *Outro* rival em cena que competindo com o poder paternal, pudesse exercer sobre Ofélia a captura pela sedução, deslocando-a de seu objeto de amor primordial, o *pai*. Tanto é assim, que Polônio destitui Ofélia do lugar de um ser desejante, do ponto de vista erótico (e portanto, adulto) para relegá-la a uma condição, antes de tudo, infantil, mais primordialmente, a uma condição de mulher, de onde lhe caberia apenas a obediência aos ensinamentos do pai, seus valores, sua honra identificada pela preservação do corpo inviolável da filha e sua fidelidade.

Convém evidenciar que este cenário forma as condições para uma condição repressiva em relação ao desejo; é requisitado à Ofélia que ela esconda, domine e, portanto interdicte seus desejos em relação a Hamlet. Com efeito, o mais importante aqui é a identificação de uma conflitiva psíquica clássica de onde os impulsos oriundos do ID se apresentam como proibidos quando interpostos diante das exigências sociais, no caso representadas pelas orientações dadas por Polônio e Laertes.

O que se faz premente registrar é a identificação da sexualidade feminina como perigosa e ou contrária a preceituações morais simbolicamente encampadas pela ordem paterna. Mesmo quando, se reconhece a presença do desejo de Ofélia o mesmo está novamente submetido à força masculina posto que a mulher poderá em qualquer tempo ser ludibriada pela sedução que pode cegar seu julgamento e fazer ceder aos caprichos desejados pelo amante; neste ponto e novamente, a mulher não ocuparia um lugar de protagonista de seu prazer e de suas escolhas.

A violência deste contexto permitirá a configuração do segundo núcleo de sentido aqui identificado; esta parte do princípio de que *os destinos de mulher*, nos termos representados pelas dinâmicas relacionais em questão, são particularmente associados à edificação de uma vida empobrecida e aprisionada pela necessidade de contenção dos encantos perigosos advindos da beleza feminina. Neste incursão, observa-se que em nenhum momento em todas os diálogos perpetrados por Ofélia, seja com Laertes, com Polônio ou com Hamlet é colocado em evidência a vida de Ofélia como um projeto de existência individual e estabelecido em pleno domínio por ela. No ato III, cena I, isto fica representado de forma evidente quando Hamlet incita Ofélia a entrar em um convento; no contexto, lugar destinado aquelas que preteridas de outros projetos vindouros, como o casamento e a maternidade. Neste mesmo momento a beleza de Ofélia é associada à desonestidade que um dia fez Hamlet apaixonar-se ou outros homens decaírem. Como não mais agora é alvo de seu desejo, Hamlet já se faz preenchido pelo ímpeto de vingança, é esta hoje sua paixão, projetando o destino de Ofélia, diz-lhe: "sejas casta como o gelo, pura como a neve, não escaparás à calúnia. Entra para um convento, adeus. [...], pois os homens de juízo sabem que monstros vós fazes dele" (SHAKESPEARE, 2013, p.97). A representação feminina é colocada aqui como aquela detentora de poderes sobre os quais os homens, sendo estes desatentos, não poderiam resistir, e por isso se tornariam monstros. Aqui, ao que parece, Hamlet estaria também aludindo a suposta sedução de sua mãe Gertrudes, direcionada a seu tio Cláudio, tornando seu tio um monstro, possibilitando o assassinato de seu pai como consequência direta dos encantos próprios de mulher.

Novamente, sobre a mulher, recairia a pecha do perigo; *homens de juízo* deveriam proteger-se. Simbolicamente, não haveria melhor lugar para destinar alguém perigoso do que a uma prisão (imageticamente), ao convento é solicitado que Ofélia adentre. Do mesmo modo, de maneira correlata, anterior e seguindo o mesmo princípio Laertes ao se dirigir a Ofélia e impelindo-a a não dar atenção aos gracejos de Hamlet, argumenta que sobre o príncipe recai a responsabilidade do estado e por isso, ele não pode prescindir de sua função em detrimento do amor professado. Caberá a Ofélia, para o bem de si e do estado, resguardar-se em pureza e com isso evitar os infortúnios que poderiam advir para muitos.

O grande problema que se apresenta neste momento é que se de um lado Ofélia parece aceitar os afetos destinados a Hamlet e, por conseguinte inferimos o próprio desejo, do outro há um forte componente repressivo que a princípio dela solicitaria um redirecionamento de suas energias pulsionais.

Como apontado por Freud no texto *as pulsões e seus destinos* de 1915, existem quatro destinos possíveis neste contexto: a reversão ao contrário, o voltar-se contra a própria pessoa, a repressão e a sublimação (FREUD, 2013, p.46). No caso de Ofélia, não há força pulsional alvo de um processo de repressivo. Ela demonstra estar cônica de seu desejo direcionado a Hamlet. Se assim o for, a discussão é deslocada da identificação do destino pulsional para um problema real vivido; o que estaria em jogo é a opressiva impossibilidade do ID de exercer de forma minimante adequada o princípio do prazer que lhe rege. A tarefa imposta a Ofélia que a impede de mover-se em torno dos imperativos do desejo e ao mesmo tempo sua impossibilidade de escapar desta armadilha a conduz novamente para um trajeto de sofrimento, como resultado da camisa de força moral que lhe cerca.

O terceiro núcleo de sentido identificado recai sobre a emergência do delírio como indicativo de ruptura da personalidade e possibilidade de assunção de quadro psicótico. Na cena V do ato IV, já enlutada pela morte de seu pai Polônio, assassinado por Hamlet, Ofélia já em franco processo deliróide encontra-se com o Rei Cláudio e a rainha Gertrude. Neste diálogo, Ofélia canta versos representativos em um jogo de palavras que indica algo de seu sofrimento. "Como de outro distinguir teu fiel apaixonado" (SHAKESPEARE, 2013, p.141) Hamlet não lhe fora fiel em suas promessas; "ele morreu e se foi, está morto e repousa agora" (Idem, p.141) sobre seu pai Polônio, agora em repouso, nada pode fazer, nem mesmo fustigar a própria Ofélia; "Na janela desde cedo tu vais esperar por mim, pra ser tua Valentina. Ele ergueu-se e se vestiu, deixou entrar a menina, a donzela Valentina,

que donzela não saiu." (Idem, p.142) A espera do amado como função atribuída, neste contexto, ao homem; a donzela como aquela que em ambiguidade se faz valorada por tal condição ao tempo que também se faz interdita do usufruto do prazer; ainda neste trecho, é possível inferir que Ofélia, ou indica que já havia intimamente estado com Hamlet ou simbolicamente pela condição do desejo imaginado, fantasiado e reprimido, não mais se sentia como que preservada em sua condição de pureza anterior. "Por Cristo e por caridade, que tristeza e que vergonha, em tendo oportunidade os rapazes farão isso; e são culpados de tudo. Pois antes de eu ter caído, juraste ser meu marido" (ibidem p.142-143) Os imperativos morais que cercam, a identidade feminina, nas palavras de Ofélia delimitam um trajeto que apenas permite o prazer quando subjugado pela vontade masculina e diante de promessas realizadas.

No mais, Ofélia não resiste frente ao sofrimento que lhe é imposto com o peso de mil e uma tradições e o coração tomado pelo conflito; atira-se a um regato e morre.

5 Considerações Finais

Em virtude do que fora até aqui discutido, é possível tracejar algumas considerações que, longe de esgotarem uma temática tão ampla, apontam para alguns exercícios de atenção e cuidado de si que podem ser inferidos a partir dos encaminhamentos dados no presente estudo. Como fora intencionado, a tarefa de analisar o percurso de Ofélia como representativo de modos coercivos de construção da identidade feminina, enquanto lugar social construído, remata que tal percurso, assim edificado, e por representação presente no texto shakespeariano, conduz a uma destino de sofrimento, violência e negação de si. O espantoso de tal conclusão é que o texto de Shakespeare aqui analisado fora escrito entre os idos de 1597 e 1602, nas fronteiras do século XVI, no alvorecer dos tempos modernos.

O que torna a história de Ofélia familiar é justamente o fato concreto de que o mundo contemporâneo ainda não ultrapassou as lógicas de força que perpetram os dilemas ali admitidos. A violência das atribuições feitas a figura da mulher pouco consideram os efeitos disruptivos que podem ocasionar. Aquilo que muitas vezes se faz professado de forma banal, inclusive nas mídias sociais, fortalece o terreno fértil para uma série de eventos que resultam em sofrimento e por vezes morte. O sofrimento de Ofélia, como aludido no texto aqui apresentado se revela, antes de tudo, como um grito. A personagem é recoberta na condição do silêncio em torno da impossibilidade de dizer a si e aos outros sobre o que

deseja e a projeção de seu próprio futuro. O contraste estabelecido entre Hamlet e Ofélia é profundo. De um lado, Hamlet sofre da angústia da liberdade, para ele é imperioso escolher um caminho, dentre muitos; vingar ou não o pai, desmascarar ou não sua mãe, enfim, ser ou não ser. Do outro lado, a Ofélia, vivendo em um ambiente absolutamente repressivo, cujo sofrimento advém da impossibilidade de escolher, do trajeto já prenunciado, do caminho já definido.

Em síntese, prisões fazem adoecer. É deste mal que padece Ofélia. O mal dos encarcerados. A atualidade de tal discussão se faz apresentada pela pergunta fundamental a ser feita: quantas e quantas Ofélias, por estas bandas do tempo, resistem, lutam e se digladiam com as destinações que lhe são ofertadas?

Como sabemos, uma das grandes conquistas do tempo presente é a assunção do feminismo como um dos lugares privilegiados, a partir do qual é possível pensar e agir sobre os entraves que cercam as relações humanas. Crenças e valores que suportam práticas sociais orientadas à delimitação coerciva de papéis e identidades atreladas às questões de gênero ainda requisitam investimentos em várias frentes, sejam estas, educacionais, políticas ou culturais e econômicas. A violência direcionada a mulheres compreende um verdadeiro holocausto humano sem precedentes na história, porque muitas vezes se faz silenciado em suas origens e jogos de força. As estatísticas são conhecidas. A justificativa dos investimentos aqui realizados é legitimada a partir da busca por gerar espaços de discussão sobre os modos de viver cotidianos e sua articulação com expressões culturais correspondentes e em face de problemáticas humanas concretas.

Neste cenário, a discussão sobre as maneiras como a experiência cultural e artística ocidental revela modos específicos de compreender diferenças, assemelhamentos, contrastes e alteridades entre homens e mulheres abrange um exercício reflexivo capaz de nos informar os ideais e expectativas que vigoram e orientam estas práticas violentas. Considerando isto, a psicanálise pode tornar-se um instrumento de diálogo com os discursos representativos da cultura, capturando os sentidos latentes e manifestos sobre os quais repousam significados norteadores dos modos de viver correntes. Conclusivamente, é possível afirmar que enquanto representação artística e cultural de seu tempo, a peça Hamlet carrega consigo elementos que permitem identificar projetos de existir ainda presentes e fortalecidos; neste ponto, faz-se necessário torná-los visíveis, conhecidos, revelados em suas nuances e interesses. Deste modo e por fim, tal necessidade perfaz uma questão, antes de tudo, ética, no sentido da busca por melhores

formas de viver entre outros e política, no estabelecimento de posições de poder legitimadoras de requisições justas e urgentes de enfrentamento.

Referências

BLOOM, Harold. **Shakespeare: a invenção do humano**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

DEFOE, Daniel. **Robinson Crusoé**. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREUD, Sigmund. O ego e o id. In: _____. **Obras completas**. Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1974. Originalmente publicado em 1923.

FREUD, Sigmund. A Consciência e o que é Inconsciente. 1925 In: _____. **Obras Completas**, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. 1917b. In: _____. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago: 2002. p.171-82. v 17.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo; ensaios de metapsicologia e outros textos. 1914-1916 In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2013. v. 12

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis: Vozes, 2007.

JONES, Ernest. **Vida y obra de Sigmund Freud: tomo II**. Barcelona: Anagrama, 1981.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

QUINET, Antônio. **A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

QUINODOZ, Jean-Michel. **Ler Freud: guia de leitura da obra de Sigmund Freud**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ROUDIANESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2013.